

O atentado a Salazar (1937)

Quando, em 5 de julho de 1937, *O Setubalense* noticia o atentado a Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros, ocorrido no dia anterior, já a notícia tinha sido publicada nos principais jornais de Lisboa e o acontecimento havia suscitado telegramas, missas, orações e manifestações de muitos organismos de apoio ao governo e ao regime.

O Setubalense traz nesse dia dois artigos sobre o assunto, um de primeira página, intitulado «Quem não é por nós é contra nós», e a notícia propriamente dita, na última página do jornal. Já não se tratava, propriamente, de relatar os factos. No primeiro caso, partia-se da perplexidade face ao sucedido. Afinal, segundo o jornal, não sendo Salazar um «perseguidor político», sendo um estadista de dimensão internacional, trabalhado pelo bem-estar da população, a única explicação para tal ato só poderia radicar nos seus inimigos nacionais e internacionais – os comunistas. Não se estranha, por isso, que o artigo termine afirmando que «Já é tempo suficiente de se meterem nos manicómios os loucos e nas cadeias os degenerados, os "meneurs" de situações confusas, numa palavra, os bolchevistas ocidentaes» (*O SETUBALENSE*, 1937, 5 de julho: 1).

O segundo incide sobre a repercussão internacional do atentado, principalmente na imprensa nazi-fascista da Itália e da Alemanha ou no labor policial na busca dos autores. Porém, o mais interessante é a citação de um telegrama de Hitler a Salazar, exprimindo «cordais felicitações pelo seu feliz salvamento do abominável atentado» (*Ibidem*, s. p.)

Nos dias seguintes, continuam a ser publicados artigos e notícias sobre o assunto, sempre de evidente propaganda de apoio ao Estado Novo. *O Setubalense* refere, por exemplo, de modo detalhado, a manifestação realizada, logo no dia 5, por iniciativa da Comissão Concelhia da União Nacional, o partido único do regime, e do comando da Legião Portuguesa, a organização paramilitar criada no ano anterior, e, ainda, o *Te Deum* realizado na igreja de S. Julião, em

8 de julho, assim como outras iniciativas de menor dimensão, como o envio de telegramas por parte de funcionários públicos, das Juntas de Freguesia da cidade ou do Conselho Escolar de Liceu de Bocage.

Na manifestação e no *Te Deum* há uma coreografia política comum: estão presentes as organizações locais que constituíam a base local do regime – a União Nacional e a Legião Portuguesa, naturalmente, mas também a Mocidade Portuguesa, os Sindicatos Nacionais com os seus estandartes, as Comissões de Assistência, inspetores e professores primários, funcionários dos tribunais, o Governador Civil, os reitores e professores do Liceu e da Escola Industrial e Comercial, oficiais dos regimentos de Infantaria 11 e de Artilharia da Costa, que enquadravam comerciantes, industriais e populares. Fora assim em Setúbal e no resto do país. A construção do ambiente era a mesma, dar a imagem de que o regime e o país estavam com Salazar, o Chefe.

A par disto, um conjunto de artigos de fundo retomava um discurso de Salazar – «Não há dúvida que somos indestrutíveis. A Providência assim o quis e vós, na terra, assim o quereis». Ao regime interessava inculcar a ideia de que se tratava de um milagre e que era preciso arregaçar as mangas e limpar o país dos... comunistas que, naquela conjuntura precisa, estavam muito ativos. Houve a revolta dos marinheiros dos navios de guerra Dão e Afonso de Albuquerque, em setembro de 1936, e as chamadas «bombas dos ministérios», em janeiro de 1937, uma ação sincronizada de atentados bombistas aos ministérios, depósitos de armas e explosivos – que alimentavam o bando nacionalista e golpista na guerra civil de Espanha – e aos que os apoiavam, como o Rádio Clube Português.

Estas ações de sabotagem, as bombas nos ministérios, foram organizadas pelo Comité de Ação da Frente Popular Portuguesa, em que participavam republicanos radicais, anarquistas e comunistas, haviam sido um sucesso e os seus autores, entusiasmados, pensaram na organização de um atentado a Salazar, que consistia em fazer deflagrar um engenho explosivo sob o carro que o transportava, quando este estacionasse numa das avenidas de Lisboa, frente à moradia de um amigo onde regularmente assistia à missa dominical. A bomba seria colocada na rede de esgotos, mas problemas com a sua dimensão impediram uma correta colocação, provocando que o impacto se fizesse no sentido contrário ao esperado, o que permitiu a Salazar escapar ileso, apesar dos grandes estragos provocados na zona.

A PVDE procurou, infatigavelmente, os autores. Era preciso encontrá-los com rapidez. Foram, inclusivamente, presos e apresentados em publico indivíduos que nada tinham a ver com o assunto e que, sendo barbaramente torturados, foram obrigar a confessar uma ação que não tinham, de facto, praticado. Só mais tarde chegariam aos verdadeiros autores, que sofreram longas prisões, tendo alguns falecido no cárcere.

O atentado a Salazar foi, durante dezenas de anos, a última ação violenta levada a cabo pelas oposições, inspirada em conceções de luta política que estavam longe de colher o acordo junto de todas as correntes oposicionistas. E deve ser entendido num quadro de grande radicalização política, com a guerra civil de Espanha aqui mesmo ao lado, numa altura em que emergiam os fascismos deitando de fora as suas garras em Itália, na Alemanha, em Espanha, assim como em Portugal, com centenas de opositores antifascistas presos, torturados ou deportados. **[JM]**

MADEIRA, 2013: 112-113



Cratera aberta pelo rebentamento da bomba

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA
MUNICIPAL DE SETÚBAL



Quem não é por nós é contra nós
O Setubalense, 5/7/1937